

**CHOREONLINE - REPOSITÓRIO VIRTUAL DE PRODUÇÃO
COREOGRÁFICA: INFORMAÇÃO DIGITAL ONLINE DE PARTITURAS
COREOGRÁFICAS**

Ana Ligia Trindade, Patrícia Kayser Vargas Mangan(orient)

UNILASALLE - CANOAS

Resumo

O principal fundamento dessa proposta de abordagem á repositórios digitais, ensino formal/informal, notações, memória e dança é esclarecer acerca do estudo e análise da possibilidade de elaboração de um ambiente virtual de registro para memória, gestão do conhecimento e ensino\aprendizado em dança através de sons, imagens e textos (partituras coreográficas, programas, vídeos, etc.). A dança como arte cênica é efêmera, isto é, no momento em que ela se realiza ela também se desfaz, só ficando presente na memória de quem teve a oportunidade de presenciá-la, portanto sua preservação ainda depende da memória oral. Com o fato de Cursos Formais de Dança terem aumentado no Brasil, sendo hoje 33 em âmbito nacional com 5 deles no Rio Grande do Sul, a arte da dança chega ao ambiente acadêmico, necessitando modificar de alguma forma sua característica de efemeridade e sua tradição oral. Levando em consideração que com o advento da Internet e da *Web*, as memórias documentárias passaram a estar disponíveis em ambiente virtual, compartilhando e socializando o conhecimento na rede mundial de computadores e que a passagem acelerada do patrimônio cultural para o território do ciberespaço, com a criação dos museus virtuais, das bibliotecas e repositórios digitais e dos documentos eletrônicos (*de arquivo*) implicou a mudança das mídias tradicionais para mídias digitais, pode-se esperar que a dança, em função da necessidade da utilização de sons, imagens e texto para registro de criação coreográfica, se aproveite deste ambiente virtual para construção de memória.

Palavras-chave: Repositório virtual, Memória da Dança, Coreografia.

Área Temática: Ciências Socialmente Aplicáveis

1 Introdução

O principal fundamento dessa proposta de abordagem á repositórios digitais, ensino formal/informal, notações, memória e dança é esclarecer acerca do estudo e análise da possibilidade de elaboração de um ambiente virtual de registro para memória, gestão do conhecimento e ensino\aprendizado em dança através de sons, imagens e textos (partituras coreográficas, programas, vídeos, etc.).

A dança como arte cênica é efêmera, isto é, no momento em que ela se realiza ela também se desfaz, só ficando presente na memória de quem teve a oportunidade de presenciá-la, portanto sua preservação ainda depende da memória oral. Com o fato de Cursos Formais de Dança terem aumentado no Brasil, sendo hoje 33 em âmbito nacional com 5 deles no Rio Grande do Sul, a arte da dança chega ao ambiente acadêmico, necessitando modificar de alguma forma sua característica de efemeridade e sua tradição oral.

Levando em consideração que com o advento da Internet e da *Web*, as memórias documentárias passaram a estar disponíveis em ambiente virtual, compartilhando e socializando o conhecimento na rede mundial de computadores e que a passagem acelerada do patrimônio cultural para o território do ciberespaço, com a criação dos museus virtuais, das bibliotecas e repositórios digitais e dos documentos eletrônicos (*de arquivo*) implicou a mudança das mídias tradicionais para mídias digitais, pode-se esperar que a dança, em função da necessidade da utilização de sons, imagens e texto para registro de criação coreográfica, se aproveite deste ambiente virtual para construção de memória. Na era do vídeo, de computadores poderosos, e da internet surgem novas possibilidades e oportunidades para o armazenamento de peças de dança.

Vendo, neste contexto, a oportunidade da arte da dança fugir de sua efemeridade através do meio acadêmico e de construir sua memória através dos ambientes virtuais, este estudo se propõe a definir um modelo de gestão da informação digital online – repositório virtual - considerando as características dos serviços, em rede de computadores, no processo de registro, ensino/aprendizagem e gestão do conhecimento em dança.

2. Marco Teórico

2.1 Aspectos Teóricos das Artes Cênicas

As artes cênicas, como patrimônio intangível, a imaterialidade é relativa, pois para existir uma prática, esta se materializa de diversas formas. O que permite também realizar formas diversas de registro material (documental, sonoro, visual, audiovisual, narrativo). E, pelo aspecto transitório e mutante, pode-se registrar, ao longo dos tempos, rupturas e permanências (FONSECA, 2003).

Meneses aborda também o papel da tecnologia na informatização da vida e multiplicação dos registros eletrônicos diante dos quais se transformam as relações mnemônicas para “um progressivo processo de externalização da memória” (MENESES, 1999, p. 15). Sugere a inserção de novas possibilidades e campos de investigação, aproveitando o acesso às novas tecnologias ao favorecer pesquisas relacionadas a práticas sociais de memória: “quando se muda a ênfase da forma ou conteúdo físico para a

‘operação’.” (MENESES, 1999, p. 23). Pelas ferramentas diversas de registro, como indica o autor, pode-se abrir assim espaço para pesquisas do corpo, da performance ou da narrativa oral.

Vale neste momento lembrar a característica forte e importante das artes cênicas: a tradição oral.

Desta forma, a dança como arte cênica é efêmera, isto é, no momento em que ela se realiza ela também se desfaz, só ficando presente na memória de quem teve a oportunidade de presenciá-la, portanto sua preservação ainda depende da memória oral.

2.2 Aspectos Teóricos do Ensino das Artes

A ideia de que a teoria ameaça a prática está bastante forte na realidade de nossas artes. Na área da dança ainda há muito mais uma formação informal, puramente técnica e prática do que formal e teórica.

Nos contexto europeu ou norte-americano os profissionais da dança costumam desenvolver a prática juntamente á teoria, sendo muito mais fácil encontrar bailarinos, professores ou coreógrafos entendedores (leitores/escritores) de alguma notação coreográfica.

No Brasil, pela tradição, bailarinos mais velhos ensinam os mais jovens. O ensino da dança sempre foi informal, fora da sala de aula. O artista da dança no Brasil pode estudar e se tornar um profissional através de cursos livres nos estúdios, academias, escolas, o que é considerado ensino informal; após muitos anos de estudos e experiência, poderá obter o DRT (registro profissional) através de um sindicato, prestando um exame específico e comprovando algum trabalho na área.

Apesar da dança ser reconhecida pelo Ministério da Educação "como um curso superior com diretrizes próprias desde a década de 1970" (STRAZZACAPPA, 2002-2003, p. 74), no Brasil, "ela sempre foi compartilhada pela Educação Física e por outras áreas do conhecimento" (EHRENBERG, 2003, p. 46), ou seja, ela pode ser estudada em outras graduações, como é o caso das Artes Cênicas, Educação Artística, Comunicação Social (PACHECO, 1999), Educação Física e Artes Plásticas. Hoje (2013), conforme o Ministério de Educação e Cultura, existem 33 Instituições Superiores com Curso de Graduação em Dança, sendo 5 no Rio Grande do Sul (UFRGS, UERGS, UFSM, UFPEL e ULBRA).

O artista da dança pode se tornar um profissional através de um Curso Técnico (ensino médio, profissionalizante) ou em Curso de Graduação e/ou Licenciatura em Dança (ensino superior); o ensino técnico e universitário é considerado ensino formal, totalmente fiscalizado pelo MEC. Após conclusão do ensino formal de nível superior, o profissional obtém seu DRT. As escolas, estúdios, academias deveriam ter o papel principal de iniciar a formação técnica e artística do futuro profissional da dança; e os Cursos Superiores teriam como função, ampliar a formação e áreas de atuação deste profissional, oferecendo embasamento teórico, científico, cultural, além da prática artística.

2.3 Aspectos Teóricos da Tecnologia e Ciberespaço

Quando falamos em tecnologia, devemos pensar no ciberespaço como um caminho fundamental para isso hoje, desde que possa ser democratizado o seu uso. Os meios se somam. A preservação de sons, imagens e textos permite que essa relação seja mais rica, mais compartilhada. Desde que quem produz a informação possa se reconhecer no que está lá, de alguma maneira. Isso permite a criação de vínculos. As tecnologias permitem que a sociedade consiga se perceber ao ver sua história retratada. Quanto mais as pessoas tiverem suas experiências partilhadas, mais se garante a preservação da memória histórica (OLIVEIRA, 2009).

A passagem acelerada do patrimônio cultural para o território do ciberespaço, com a criação dos museus virtuais, das bibliotecas digitais e dos documentos eletrônicos (*de arquivo*) implicou a mudança das mídias tradicionais para mídias digitais, o que resultou numa convergência que passa a ser a do objeto informacional (DODEBEI, 2011). Com o advento da Internet e da *Web*, as memórias documentárias passaram a estar disponíveis em ambiente virtual, compartilhando e socializando o conhecimento na rede mundial de computadores, denominado pelo filósofo francês Pierre Lévy como ciberespaço. Lévy (2000) considera que o ciberespaço é o “principal canal de comunicação e suporte da memória da humanidade” quando todas as informações estivessem digitalizadas e acessíveis através das redes de comunicação.

Assim, as artes do movimento, que são, por natureza, efêmeras, encontram na internet um local propício para guardar as imagens e ideias ocorridas em suas ações no espaço cênico, fugindo da efemeridade, divulgadas a um público mais amplo e construindo sua memória virtual.

Na era do vídeo, de computadores poderosos, e da internet surgem novas possibilidades e oportunidades para o armazenamento de peças de dança. Entretanto o coreógrafo norte-americano William Forsythe defende a tese de que não se pode, contudo, simplesmente filmar uma apresentação de dança. Este recurso necessita de outras formas de descrição para que seja melhor entendida. Há alguns anos, ele começou a desenvolver junto com membros de sua companhia as primeiras idéias em relação a uma nova forma de representação da dança na internet: uma notação virtual.

A ciberdança é o híbrido que une dança e novas tecnologias. O conceito de ciberdança une ciberespaço e dança. Benedikt (1992 apud PIMENTEL, 2000) define o ciberespaço como linhas de comunicação, capaz de ser acessado mediante qualquer computador conectado ao sistema; uma página que se transforma numa tela que se transforma num mundo, um mundo “virtual”; uma geografia mental de comunhão entre as pessoas, construída por consenso e revolução, com regras e experimentos, um território fervilhando de dados e mentiras; qualquer lugar, nenhum lugar e como uma memória de caráter coletivo ou uma alucinação coletiva, um território de figuras míticas, símbolos, regras e verdades, livre das barreiras do espaço físico e do tempo. Lemos (apud PIMENTEL, 2000) tem como definição de ciberespaço como sendo as redes de telecomunicações criadas com o processo digital, como o “lugar” onde estamos quando entramos num ambiente virtual, ou ainda o conjunto de redes de computadores interligadas ou não. Com a criação de *softwares* aplicados à dança, coreógrafos podem melhor estudar

as diversas fases da produção cênica. Eles são utilizados como recurso de memória técnica e coreográfica, auxiliando na clarificação e fixação tanto de exercícios técnicos de aulas como de seqüências coreográficas, além de proporcionar estudos de cenografia e iluminação. Se o vídeo já permitia ângulos de visão do movimento impossíveis anteriormente, os novos *softwares* permitem a criação prévia ao trabalho prático com os dançarinos, facilitando o estudo do movimento, do espaço e, num outro patamar, a criação autoreferente (sintética). Estas tecnologias tornam-se auxiliares ao processo coreográfico, permitindo a criação, animação e simulação de coreografias. Elas têm sido instrumentos de registro histórico, além de veículos da criação coletiva no ciberespaço.

2.4 Aspectos Teóricos de Repositório Virtual

Existem diversas definições para repositórios digitais e repositórios institucionais. Em princípio, a definição de repositórios digitais pode ser estabelecida como uma infraestrutura de banco de dados capaz de armazenar coleções de documentos em meio eletrônico.

Um “repositório digital” é constituído por documentos primários que são digitalizados ou que já estão em suportes eletrônicos (disquetes, CD-ROM, DVD), na Internet, permitindo o acesso à distância. Neste conceito está implícita a ideia de organização formada por serviços e recursos com objetivo de selecionar, organizar e distribuir a informação, para conservar a integridade dos documentos eletrônicos. O Repositório Digital possibilita aceder remotamente através de um computador com ligação em rede e, ao mesmo tempo permite a utilização simultânea por diversos utilizadores, onde encontram em suporte digital os produtos e serviços das organizações. É possível também integrar vários suportes de registro de informação diferentes (texto, som, imagem, etc). Os Repositórios possibilitam o acesso livre à informação, por exemplo, permitem ao utilizador consultar, copiar, fazer download, distribuir, imprimir, pesquisar ou fazer referência a textos dos documentos (COELHO, 2010).

Crow (2002) define repositório institucional como coleções digitais contendo a produção intelectual de uma ou mais comunidades universitárias. Para o IBICT, a esse tipo de repositório só se deve depositar documentos que tenham sido revisados por pares.

Crow (2002) afirma que enquanto os repositórios institucionais centralizam, preservam, tornam acessíveis e disseminam o capital intelectual de uma instituição, ao mesmo tempo eles constituem um sistema global de repositórios distribuídos e inter operáveis que fundamentam um novo modelo de publicação científica. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que os repositórios institucionais permitem reunir, preservar, dar acesso e disseminar boa parte do conhecimento da instituição, eles aumentam a visibilidade da sua produção científica. É possível, a partir da análise dessas questões, visualizar uma grande quantidade de mudanças advindas das transformações paradigmáticas em curso, causadas pela introdução de inovações tecnológicas no processo de comunicação científica. Ao mesmo tempo dessas transformações, nos dizeres de Lawrence (2003), os repositórios constituem uma manifestação evidente da importância emergente da gestão do conhecimento no contexto da educação superior. Com base na similaridade e complementaridade existente entre os processos do sistema de comunicação

científica e as atividades da gestão do conhecimento, os repositórios podem ser considerados, portanto, um mecanismo que emerge como uma poderosa alternativa tanto para a comunicação quanto para a gestão do conhecimento científico. Especificamente no contexto das universidades, o sistema de comunicação científica constitui uma camada indispensável e crucial para a implementação de ações de gestão e construção do conhecimento. Nesse sentido, conclui-se que os repositórios podem ser vistos como ferramentas adequadas para a gestão do conhecimento científico, pois, ao mesmo tempo em que agilizam os processos de comunicação científica, potencializam também a condução de processos que maximizam a criação, o compartilhamento, a disseminação e o uso do conhecimento científico.

Existem 7 etapas fundamentais no processo de implementação de um Repositório:

- 1) Planejar e definir quais os serviços a oferecer: mediante as necessidades da comunidade;
- 2) Formar equipe: para assumir as responsabilidades e manutenção;
- 3) Tecnologia: é importante a escolha do software e da plataforma, pois um repositório deve ser apelativo e de fácil utilização;
- 4) Marketing: esta fase é fundamental para promover o repositório, pois a divulgação é essencial para atrair utilizadores que façam uso ao repositório;
- 5) Desenvolvimento de um projeto-piloto: esta fase é crucial, pois ao desenvolver um projeto-piloto é mais fácil ter a noção do que está bem e do que ainda pode ser melhorado na implementação do repositório;
- 6) Lançamento do repositório: é nesta fase que é disponibilizado ao público, para tal deve haver divulgação para que o repositório seja procurado nesta fase inicial;
- 7) Manutenção do serviço: tem que haver ao longo da existência do repositório uma equipa de manutenção para garantir a qualidade do repositório.

O processo de implantação de um repositório consiste, não só na instalação de uma aplicação específica para esse fim, mas também requer a formação e a participação ativa de uma equipe, o planejamento da estrutura do repositório e dos serviços que serão oferecidos, bem como o estabelecimento de políticas adequadas às necessidades da instituição, de modo a atrair utilizadores, evitando falhas e o mau uso do repositório (GONZÁLEZ; SANTOS; CASSAMA, 2013).

3. Metodologia

De natureza empírica, uma vez que envolve a observação de uma realidade, no caso, os Cursos de Graduação em Dança no Estado do Rio Grande do Sul, permite, segundo Demo (1994, p. 37), "a trabalhar a parte da realidade que se manifesta empiricamente e é, por isso, mais facilmente manejável", baseando-se em pesquisa bibliográfica, que por sua vez possibilita respaldar a revisão da literatura e a fundamentar teoricamente o estudo, permitindo assim, embasar o modelo de gestão de informação digital. Demo (1994, p. 37) salienta a importância de valorizar a pesquisa empírica "pela possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base factual. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática."

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, conforme Gil (1988, p. 48), é "desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente, de livros e artigos científicos". A principal vantagem da pesquisa bibliográfica, conforme ainda exposto por Gil (1988, p. 50), "reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Dentro desta visão, a pesquisa bibliográfica é utilizada na contextualização, na revisão da literatura e na exploração da viabilidade da proposta do modelo de gestão.

Também utiliza-se pesquisa bibliográfica para amparar a pesquisa exploratória. Conforme Gil (1988, p. 45) as pesquisas exploratórias têm "como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições." O estudo de caso insere-se como uma abordagem das pesquisas exploratórias. Ainda segundo Gil (1988, p. 58), o estudo de caso pode ser "caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos". A maior utilidade do estudo de caso, conforme Gil (1988, p. 59), "é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipótese ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal." Utiliza-se o método do estudo de caso nas fases: a) exploratória (o caso deve ser uma referência significativa para merecer a investigação); b) delimitação do caso (reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações); e, c) organização e redação do relatório (utiliza o estilo descritivo e analítico).

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>> Acesso em: 08 jun. 2013.

COELHO, Carla. **Um Repositório Digital para a U. Porto: Relatório Preliminar**. Disponível em: <WWW: <URL: http://sigarra.up.pt/up_uk/WEB_GESSI_DOCS.download_file?p_na_me=F1368788598/repositorio-vpreliminar.pdf> Acesso em: 08 jun. 2013.

CROW, Raym. **The Case for Institutional Repositories: A SPARC Position Paper**. [S. l.]: Scholarly Publishing & Academic Resources Coalition, 2002

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.12, n.2, abr. 2011.

EHRENBERG, Mônica C. **A Dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar: aproximações entre formação e atuação profissional**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZÁLEZ, Luciano; SANTOS, Daniela de Souza; CASSAMA, Aua. **Repositório Institucional**. Disponível em: <www: http://189.47.157.112:8080/ra_unesp/bitstream/123456789/136/2/Trabalho%20de%20CC.PDF>. Acesso em: 08 jun. 2013.

LAWRENCE, Steve. Free online availability substantially increases a paper's impact. Naturewebdebates. Disponível em: <http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/lawrence.html> Acesso em 20 nov 2004.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n. 2, p. 206-219, mai./ago. 2006

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão**, 2004. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>> Acesso em: 23 mai. 2007.

_____. **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura**. COMPÓS, 2008. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org). **Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p.11-29.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Museus e convergência digital: a improbabilidade da informação. In: CIFORM, 9., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cinform2009.ufba.br/site/03/06/2009/lista-final-de-trabalhos-aprovados-esubmetidos-pelos-autores/>> Acesso em: 10 jan. 2012.

PACHECO, Ana Julia P. **A Dança na Educação Física: uma revisão da literatura**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 21, n. 1, setembro/ 99, p. 117-124.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na Educação: Discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática**, v. 6, jul./jun. 2002-2003, p. 73-85.